

# o BRASIL ILUSTRADO

## PUBLICAÇÃO LITTERARIA.



**Cótes e Subscripção.**  
6 mezes 8\$000, Um anno 16\$000.  
As oito paginas avulsas 1\$000.

**N. 5. Vol. I. — Domingo 15 de Julho de 1855.**  
Escreptorio, rua d'Ajuda, 79.

**Provincias e Exterior:**  
6 mezes 10\$000, Um anno 20\$000.  
As dezessis paginas avulsas 2\$000.

### Summario.

O Sr. Irineo Evangelista de Souza, Barão de Mauá. (Continuação.) — **SCIENCIA.** Astronomia. Resumo historico. Montes de gelo. — **POESIA.** A ave do amor. — **VARIEDADES.** Passeio ao aqueducto da Carioca. Men sobrinho. Observações curiosas. (Continuação.) — **Revista da quinzena.** — **GRAVURA.** Visto do porto e interior da cidade de Balachava.

**O Sr. Irineo Evangelista de Souza, Barão de Mauá.**

**BANCO MAUÁ. — EMISSÃO DE VALES AO PORTADOR.**  
(Continuação.)

Considerada a questão portanto pelo lado legal, vemos justificado o procedimento do Banco « Mauá e Mac-Gregor » : agora se a encerrarmos pelo lado economico, teremos então em vista si, bilhetes ao portador e a vista, ou com prazo diminuto, emitidos por uma sociedade collectiva, podem fazer as vezes de moeda, tendo curso em common por intermedio de livre concorrência, quer com a moeda papel do estado, quer com a dos bancos de emissão e circulação por ella autorizados, e se outro sim, disso porviria uma influencia perniciosa sobre o movimento dos valores e a depreciação da moeda legal, contribuindo para o desaparecimento do numerario, subida nominal dos preços, enfim, contrariando em lugar de proteger, o curso das transacções commerciaes.

Não é possível, tratando-se de questão de tanta magnitude, deixar de entrar em considerações sobre materias de economia politica de subida importancia relativas a semelhante questão, das quaes depende o poder ella ser apreciada por uma maneira clara e precisa, isto é, evidentemente discutida. Conscio disso, perguntarei pois : — A sociedade em commandita « Mauá, Mac-Gregor e C. » a que se dedica ? A operações bancarias, para o que se acha legitimamente constituída ? O que é o commercio de banco ? — E' o regulador de todos os outros ; é entre as nações civilizadas na actualidade a base

necessaria de todas as transacções mercantis e de todos os movimentos industriaes, pois que tendo os bancos por objecto o jogo das moedas e dos metaes preciosos, para se copular com o trabalho, fazem por conseguinte com que este fructifique e se desenvolva cada vez mais, reproduzindo desl'arte novos meios de se augmentarem as riquezas de uma nação.

Si em these são estes os objectos a cargo dos bancos, si por tal merecem pois a protecção dos governos e de inteira liberdade em suas operações todas as vezes que ellas não forem abusivas, não exorbitando a natureza de suas funcções, perguntaremos ainda, qual será o meio de se reconhecer si elles exorbitão tornando-se então prejudiciaes ? Attendendo-se aos objectos de suas operações, de certo que será analysa-las sem seus elementos, definindo o que é que se chama riqueza, capitães, moedas ao que vou proceder do modo mais laconico que me for possível para não prejudicar a clareza da materia.

A acção em que abstractamente se toma o que se denomina riqueza, é pelo ordinario considerando-se semelhante palavra como que exprimindo o conjunto de todas as cousas que contribuem para a satisfação dos desejos do homem no estado social, as quaes elle apropria a seu uso conforme suas necessidades e fantasias. A riqueza assim definida, enxerga-se que deve ser sempre o producto de um trabalho em que o homem tomou parte, quer individual ou collectivamente, formando-lhe a natureza, a materia prima, mas devendo ao fructo daquelle trabalho sua maior ou menor utilidade ; constituindo-se assim o objecto da propriedade de um individuo ou de muitos, os quaes a transformão, a transportão, ou a consomem mediante um direito garantido que exclue a participação de outros individuos de sua posse se não compensão o trabalho alheio pelo resultado do seu proprio, sob qualquer acção que este se tomar legitimamente exercido. Ora é sabido que a utilidade da riqueza depende tanto das necessidades imperiosas como dos caprichos do gosto creados pela imaginação ; o seu me-

rito é pois absoluto ou relativo ; consiste nas exigencias da vida em todas as suas phases, bem como na apreciação e na estima que lhe presta a opinião dos homens, a qual tambem varia conforme os tempos, os lugares, as circumstancias, as quantidades, os diferentes povos e os diversos individuos de nosso globo.

Como todas as pessoas se não podem dedicar por muitos motivos ao mesmo genero de trabalho, disto resulta portanto uma diversidade nas riquezas, e uma divisão na sua propriedade, assim como a necessidade que uns tem dos outros estabelecendo permutas para reciprocamente se adquirir o fructo do trabalho alheio, quer de momento quer de lavra anterior. O modo de se fazer semelhante aquisição mediante compensação da permuta, estabeleceu ainda mais uma nova necessidade, a qual foi a de comparar entre si os objectos a permutar, calculando sua igualdade e sua utilidade absoluta e relativa, nascendo disto uma estimativa, as mais das vezes convencional ou de circumstancia, que se denominou « valor. » Nessa estimativa, por effeito de comparação, é claro que a relação que devia de regular o denominado « valor » deveria perder tanto mais para com um objecto quanto gahasse para com um outro, ou outros submettidos a permuta, resultando disso por conseguinte que na concorrência para o jogo dos escalambos se cimentasse o que se chamou « valor corrente, » isto é, o valor dado a uma coisa, que se não aprecia tão sómente pela medida dos desejos ou das conveniencias de um unico individuo, porém sim pela estimativa commum de um grande numero delles. Então igualmente a palavra « valor, » não exprimiu mais tão sómente a relação parcial que existe entre uma coisa e tal ou tal homem do quem attrahe os desejos, porém sim a relação geral que existe entre a potencia de troco desta coisa e a potencia de troco de uma outra coisa a qual aquella se compara. Então com razão, se diz que, o valor corrente de um objecto, resulta da relação que existe entre a oferta e a procura dello em uma apreciação geral ; porém attendendo-se sempre

que a oferta em qualquer caso, provendo não só da quantidade de tal ou tal quantidade de mercadoria, mas também do desejo de ter a que se quer, a utilidade dos contos da mercadoria: o que se chama a utilidade da procura, que, pela utilidade, exprime a intensidade do desejo que se tem de mercadorias que carecem de utilidade, e a importância que fazem ao que oferecem ao preço do procurado.

Logo posto, pode-se dizer, que, a utilidade das coisas pode existir independentemente do preço das mesmas. A pergunta, tomada no ponto de vista geral, não pôde, porém, ser feita, porque a utilidade das coisas exprime sempre uma relação de troca a essa pergunta, pois que nesse caso a sua utilidade é constante relativamente ao preço. Considerando, portanto, as riquezas sob o ponto de vista social, deve-se julgá-las em razão da sua utilidade social, porém quando se as estuda no ponto de vista dos particulares, então é mister sobretudo pôr em conta a utilidade com o seu valor, ou a sua utilidade relativa; todavia em um e outro sentido convém sempre buscar-se o fazer com que as riquezas tendam a confundir-se o mais possível na prestação desses dois mistérios, porque será essa a utilidade social, e a utilidade dos indivíduos, dos exemplos, do que resulta o efeito de tornar-se a própria utilidade social e a utilidade dos indivíduos de uma maneira íntima e a utilidade de cada coisa a sua utilidade, o que tem também alcance social, principalmente em uma época em que se tem a maior utilidade da maior divisibilidade do dinheiro, e a concorrência de todas as indústrias, e a utilidade adequada na partilha dos bens.

Logo posto, a ideia que fazemos a palavra riqueza, e a utilidade também de que sua utilidade absoluta, isto é, no ponto de vista geral e avaliada independentemente de sua utilidade de troca; no entanto, que no ponto de vista particular positivamente avaliada por seu valor, isto é, pela sua propriedade que ella possui não só de satisfazer as nossas necessidades, mas, e ao mesmo tempo pela utilidade que a riqueza tem todos os objectos que constituem a riqueza, e a utilidade de ser em permuta com os outros, isto é, no ponto de vista particular exprime para cada coisa a utilidade relativa ou o valor, pois que não é o caso uma e outra coisa confunde, porém igualmente, quando semelhante valor assume no tempo a moeda, pois que então nessa se torna a moeda a utilidade para tudo, por servir de termo de comparação a todos os objectos como agente intermediário de suas permutas, o que faz substituir a utilidade das coisas pela sua *utilidade*, determinando portanto o seu valor, pelo que se denominam *preço*, tendendo-se assim pelo uso da moeda comprarem-se coisas, que não tem entre si uma relação sensível, e que por esse modo a obtenção pela intervenção de uma razão numerica que nosso espirito para logo abstracta, contribuindo isto ainda, para que a ideia abstracta de *valor*, revestisse uma acceção apreciável e tangível por todas as intelligencias.

Isto posto, deve-se attender que, tratando-se da moeda ser o representativo da riqueza, pode isto induzir-nos a certos erros que convém esclarecer porque, será isso conducente ao propósito que nos serve de objecto. Deve-se primeiro do que tudo não esquecer-se que semelhante medida é imperfeita, pois que a moeda é também uma mercadoria cujo valor ainda que pouco alterável no entanto muda segundo as variações da oferta e da procura; que outro sim, embora ella não seja destinada para consumo porém somente para ser trocada, todavia é mister ter em vista que se não pôde tomar como medida de valores senão o que tem em si um valor real, ou o que é recebido no commercio em troca de outros valores. Importa muito portanto que ella seja feita de ouro, prata, ou qual quer substancia preciosa, rara, pouco alterável e susceptible da maior divisibilidade, encerrando sob um volume e peso mediocre um valor considerável, condições que tanto mais devem ser satisfeitas quando sua emissão provenha dos actos dos governos,

pois que os prestígios do credito não sendo inherentes aos attributos do poder senão quando lhe garantem os particulares, bem sabido e conhecido a utilidade propria nos prazos, que embora decretados, e com algum valor a objectos que não o possuem, tornando por exemplo apto a solver dividas particulares e as contribuições publicas, pelo modo de curso forçado, ou moedas metallas de título o peso reduzidos, no entanto manifestando-se com isso alguma de valores reais, torna-se para logo impossível ao espirito admitir a existencia de valor, pois não havendo outro padrão repetitivo de um objecto valioso se não outro objecto de igual valia servindo-lhe de medida, por que attribuir a alguma coisa um valor que a opinião publica livre lhe nega, e na verdade ali em seus cimentos o edificio do credito: o que vice-versa não succede, logo que essa opinião por intermédio da confiança, que não é justamente em tal caso mais do que a sanção da vontade unanime ou da maior parte dos interessados, garante a qualquer objecto semelhante credito, porque então, como o valor empregado sob a forma de moeda e essencialmente inactivo, então, e não digo, é evidente que se pode conseguir fazer as mesmas permutas com um emprego menor de moeda, realisando-se assim um progresso economico, e obtendo-se mesmo mais serviços com menor dispendio. Assim consegue-se, não ha duvida, o poder idealisar-se a moeda de alguma sorte supprimindo o seu emprego o mais possível mediante signaes fiduciarios, porém sempre na hypothese de que as propriedades essenciais da moeda, de que semelhantes signaes são os representativos não tem sido alteradas, e que o tipo metalleo precioso em sua expressão, e realisavel logo que se queira.

Isto admitido, tome-se uma sociedade qualquer que seja em um momento dado, com habidos determinados, e vendendo que ella tem necessidade para seus escambios de uma certa quantidade de moeda que mais ou menos pouco valia, e igualmente de uma outra porção, também pouco variavel, para entesouramentos ou fundos de reserva; avaliando isto, poderemos concluir, que, embora obedeça a moeda como todas as demais mercadorias a lei geral da oferta e da procura, e seu preço correspondo ao dos metaes preciosos com que é feita, e sua quantidade tanto mais se proporcione as necessidades, quanto mais o preço dos metaes amolecidos se aproximar do das barras; embora outro sim, o pedido de uma mesma moeda possa augmentar também, ou seja pelo acrescimo das permutas, ou seja por uma mudança nos usos, tal como a substituição de vendas a prazo por vendas a vista, etc., etc., poderemos no entanto concluir, como dizia, que, manifestando-se nos mercados regulares, uma alta ou baixa das moedas, necessariamente, até um certo limite, por uma alta ou baixa, isto é, em sentido ou razão inversa, no preço de todas as mercadorias; supposto que pela venda, todas as mercadorias venham medir-se, de algum modo equilibrar-se com a moeda; descendo de preço quando o della sobe, e vice-versa, dando-se semelhante circunstancia, todas as vezes que o curso regular dos escambios nos mercados é garantido por uma moeda creditada; manifestando pois semelhante facto, toda e qualquer crise commercial em nada será de assustar; pois que os saques sobre outros mercados, depressa farão entrar a moeda, se ella subiu de preço, no curso ordinario de seu valor, mediante tão somente algumas alternativas dos cambios. Dizendo: « quando o curso dos escambios é regulado por uma moeda creditada: » note-se, que é na verdade facto provado que a baixa do preço das moedas facilitava não só a solvencia dos devedores e a execução dos contractos de credito, imprimindo também actividade aos negocios, fazendo descer a taxa dos juros, elevando o valor das riquezas fixas: enquanto que a alta do preço das moedas produzia effects contrarios; contudo semelhante baixa, como disse, não deve exceder certos limites, porque nesse caso o capitalista e o vendedor de fazen-

das a prazo etc., etc., observando que a moeda tende ainda a descer rapidamente, não podendo prever qual será o seu para-ferro, busca para logo converter seus capitales em mercadorias, e se tenta entrar em contractos de credito: então esses se estabelecem não mais em moeda, porém em mercadorias de um curso menos variavel e a uma taxa de tiro elevado: como succede por exemplo em Franca no tempo posterior ao *systeme de Law* e depois na época da circulação dos *assignats*; na Austria, na Russia, e finalmente em Buenos Ayres, quasi que até a actualidade, e entre nos no Brasil, antes de se ter melhorado o nosso meio circulante, etc.

Ora, si semelhantes considerações em quaesquer dos casos precedentemente descriptos, (por experiencia propria, nos podem servir de *crismetro*, poder-se-hia asseverar com justiça, que, se em um momento de crise, por escassez ou desconhecimento monetario, havendo uma alta de preço para as moedas de metaes preciosos, apparecesse então alguém, que pela intervenção de seu credito, emitindo valores fiduciarios, fizesse face a essa crise, evitando as realisações violentas etc., etc., poder-se-hia dizer, economicamente falando, que semelhante homem tinha feito emprego abusivo de um credito, cujo prestigio servia de egide ao commercio e ao paiz no momento do perigo?... De certo que não! Antes ao contrario sustenta que se devia attimar, que, elle compenetrado dos recursos do paiz em que exercia suas operações de credito; reconhecendo pelo exame dos factos que as causas da crise e os meios de a combater, por em pratica, digna de louvores, uma dessas medidas economicas altamente aconselhadas pela sciencia, as quaes por vezes tem servido de salva guarda a diversos mercados para se preservarem das consequências, principalmente do desconhecimento de um meio circulante criado de novos difficeis de corrigirem-se: como *verbi gratia* aconteceu em Inglaterra, quando por occasião da guerra irregular e successiva de sua moeda em 1797 a 1814, e da alta que durou de 1814 a 1821, e em épocas em que as enormes despesas do governo, traduzindo-se por emissões de papel de curso forçado, davão alterações nos titulos da moeda; no entanto devido ao facto, principalmente de seus haberes, banqueiros e industriaes, ali se conseguiram quasi por milagre manter uma especie de equilibrio aproximativo entre a depreciação do papel moeda e o credito, e isto por tal modo, que, se chegou a dizer e a escrever, que o credito tinha recebido mais solidez com o choque dos mesmos actos que tendiam a destrui-lo. Prova evidente que na confiança que a opinião publica garante aos particulares, e que se apoia em toda a parte o credito do Estado; que competindo aos governos pelo direito de soberania emitir a moeda, ou o seu representativo, contudo nas bases do credito particular e que se emitem os aliceres do credito publico, muito principalmente em um encargo de quarenta e seis mil contos de papel moeda, legado de um passado ominoso, mas no qual orgão as especies ou valores em ouro, prata e objectos preciosos existentes no Brasil, em duzentos e vinte oito mil contos, conforme disse, os productos da nossa mineração, a moeda e obras importadas do exterior, pelas alternativas da balança do commercio, fazem com que se conservem mais ou menos nos nossos mercados, tornando-se portanto, comparados semelhantes valores, com os treze milhões do resto do mundo, pouco mais ou menos, uma quinquagesima setima parte das riquezas fluctuantes, parece que com isso poderemos manter muito a vontade no Brasil, um numerario equivalente ás exigencias de seus mercados: não carecem o a ora isso em relação a semelhante quota monetaria, também pouco mais ou menos, senão de um supprimento annual de cento e tantos contos de reis em metaes preciosos, visto que, avaliando-se em cento e sessenta mil contos de reis a quantidade de numerario exigida pelos mercados do globo para ser empregada como meio



circulante, fazendo-se com isso face a todas as transacções: e calculando outro sim, em cento e dez mil contos, os valores necessários ao consumo em joias, não avaliando Mac-Culloch, em mais de 1 p. 0/0 as perdas sofridas anualmente também em toda aquella importancia, parece que approximadamente o supprimento indicado nos seria sufficiente.

(Conclua.)

LUIS ANTONIO DE CASTRO.

## SCIÊNCIA.

### Astronomia. — Re-uma historica.

Il y a extrêmement loin de la première vue du ciel, à la vue générale par laquelle embrasse aujourd'hui les états passés et futurs du système du monde. Pour y parvenir, il a fallu observer les astres pendant un grand nombre de siècles; reconnaître dans leurs apparences les mouvements réels de la terre; s'élever aux lois des mouvements planétaires, et de ces lois, au principe de la pesanteur universelle; redescendre, enfin de ce principe, à l'explication complète de tous les phénomènes célestes, depuis dans leurs moindres détails. Voilà ce que l'humanité a fait dans l'astronomie. L'exposition de ces découvertes et de la manière la plus simple dont elles ont pu naître et se succéder, aura le double avantage d'offrir un grand ensemble de vérités importantes, et la vraie méthode qu'il faut suivre dans la recherche de lois de la nature.

(LAPLACE, exp. du syst. de monde.)

A historia da astronomia offerece tres periodos bem distinctos que se referem aos phenomenos, as leis que os regem, e as forças de que dependem essas leis. O primeiro abraça as observações dos astrónomos que precederam a Copérnico sobre as apparencias dos movimentos celestes, e as hypothèses que imaginário para explicar essas apparencias e submetel-as ao calculo; no segundo, Copérnico fez conhecer os movimentos da terra sobre si mesma e em torno do sol, e Kepler descobriu as leis dos movimentos planetarios; emfim, no terceiro, Newton apoiando-se nessas leis, descobriu o principio da gravitação universal, e os geometras applicando a analyse a este principio, delle derivarão todos os phenomenos astronomicos e as numerosas desigualdades dos movimentos dos planetas, dos satélites e dos cometas. Consideraremos os factos mais notaveis desses tres periodos.

#### 1.º PERIODO.

##### Da astronomia antiga até Copérnico.

A origem da astronomia, é por assim dizer, causa da existência do homem sobre a terra. O magestoso espectáculo do céu, nos bellos climas da Asia, devia por sem duvida fixar a attenção dos primeiros homems, e offerecer-lhes, para satisfazer as necessidades da agricultura, um meio natural de conhecer a ordem e o retorno das estações.

— É indubitavel, diz Cassini, que já na primeira idade do mundo, os homems tinham feito grandes progressos na sciencia do movimento dos astros: poder-se-ha mesmo affirmar que elles possuirão multifarais conhecimentos do que houve largo tempo depois do diluvio, se é certo que o anno de que se servião os antigos patriarches foi o periodo lunisolar de 600 annos, mencionado nas antiguidades dos judeos, escriptas por Joseph. — Buffon estudando as epochas da natureza, e Bailly discutindo a fuita tudo o que é relativo a origem e progressos da astronomia, provarão com effeito a existência antediluviana de um povo digno de nossos respeito, como inventor das sciencias, das artes e de todas as instituições uteis. Porém, certamente por uma dessas revoluções que soem destruir em poucos annos o fructo dos trabalhos de muitos seculos, dos altos conhecimentos deste povo, cujo nome ignoramos, mas que fortes conjecturas indicão ter habitado o centro da Asia, entre os parallelos de 40 e 55 graus de latitude, restão apenas alguns destroços que fazem quasi todo o saber da antiguidade, desde os indios e os chaldeos até Hipparco.

A determinação de dois periodos bem notaveis, o ciclo-lunar de 19 annos, existente na China muitos seculos antes de ser introduzido por Meton no calendario grego, 430 annos antes de Jesus Christo, e o ciclo-lunisolar de 600 annos conhecido entre os chaldeos, e cuja exactidão foi celebrada por Cassini no seculo 17, os methodos usados na India para calcular os eclipses, e para achar os diametros do sol e da lua; a distribuição das estrellas em constellações, as divisões do zodiaco; a obliquidade da ecliptica; a medida da circumferencia da terra; finalmente, as opiniões sobre o retorno dos cometas, e sobre o verdadeiro arranjo dos corpos celestes, são os preciosos restos de uma astronomia muito apgreçoada que podemos distinguir por entre o montão de fabulas, prejuizos e erros, das antigas nações estabelecidas logo depois do diluvio.

É impossivel adquirir noções positivas sobre o estado da astronomia na India e na Persia; porque sua origem está envoltida, como entre todos os povos antigos, nas trevas dos primeiros tempos de sua historia. Contando as taboas indianas relativas ao sol, a lua e aos planetas, suppeo um grande numero dos principios necessários para a formação dos almanaks actuaes: ellas remontão, segundo Laplace, aos annos 3102 e 1491 antes de Jesus Christo.

Nos annos da China se encontram as mais antigas observações que podem interessar a astronomia. As que derão para o anno solar a duração de 365 d. 1/4 proximoamente, e 235 lunações para 19 destes annos; as de Tchou-Kong do anno 1100 antes de Jesus Christo, que comparadas com as de Pytheas, feitas 750 annos depois, e com as dos modernos confirmão a diminuição successiva da obliquidade da ecliptica; são as unicas conhecidas escapadas do incendio dos livros chinezes ordenado pelo imperador Tchi-Koanti, no anno 230 antes da nossa era.

As primeiras observações dos chaldeos de que temos noticia, datão dos annos 719 e 720 antes da era christa; foram tres eclipses da lua, que servião mais tarde a Hipparco e a Ptolomeo para determinarem approximadamente o movimento deste astro. O periodo de 223 lunações, denominado *saros*, que marca a volta da lua quasi á mesma posição a respeito de seus nodos, do seu perigeo e do sol, não tem origem assignalada na historia, entretanto suppeem uma longa serie de observações comparadas entre si e discutidas com muita sagacidade. É provavel que os chaldeos tivessem medido a terra; porque dizão que seria preciso um anno para percorrer a sua circumferencia a passo; o que se aproxima da verdade.

Alguns philosophos chaldeos fizeram uma idea assaz justa da ordem e da immensidade do universo, opinando que os movimentos dos cometas são regulados, como os dos planetas, por leis inmutaveis, mas para comprehenderem o verdadeiro systema do mundo faltava-lhes o que melhores observações e a theoria da attração universal manifestarão a seus successores. «Os chaldeos, diz Bailly, uteis á astronomia accumulando factos, preparando materias para o edificio do mundo, são para nós os restauradores desta sciencia: o fio então reatado não mais tem sido interrompido.»

Ignora-se a que ponto chegam a astronomia dos egypcios antes da fundação da escola de Alexandria: porém as direcções das faces de suas pyramides para os quatro pontos cardaes, a duração do anno civil do periodo sothiaco ou ciclo canicular, e sobre tudo, a previsão da verdadeira marcha de Mercurio e de Venus, dão uma idéa vantajosa da sua maneira de observar.

«Na Chaldéa e no antigo Egypto, diz Laplace, a astronomia só foi cultivada nos templos por sacerdotes, que fundião sobre ella as superstições de que eram os ministros. A historia fabulosa dos heroes e dos deuses, que apresentavão á credula ignorancia, era uma allegoria dos phenomenos celestes e das operações da natureza, allegoria que o poder da imitação, um dos principaes meios do mundo mo-

ral, tem perpetuado até nos nas instituições religiosas. Aproveitando-se para consolidar seu imperio do desejo tão natural a especie humana de conjecturar o futuro, crearam a astrologia. Esta falsa sciencia, cara ao amor proprio do homem, e necessaria a sua ansiosa curiosidade, subsistio até o fim do seculo 17, epocha em que o conhecimento do verdadeiro systema do mundo geralmente divulgado a destruiu definitivamente.»

Os gregos foram discipulos dos Egypcios. Thales, nascido em Mileto no anno 641 antes de Jesus Christo, pode ser considerado como fundador da astronomia na Grecia. De volta de suas viagens pelo Egypto, creou a escola jonica; ensinou a esphericidade da terra; fez conhecer a obliquidade da ecliptica, e a verdadeira causa dos eclipses do sol e da lua. Anaximandro e Anaximenes, introduzirão na Grecia o uso do guomon e das cartas geographicas. Anaxagoras e todos os philosophos gregos seguirão as doutrinas de Thales, com ligeiras modificações, até o estabelecimento da escola pythagoriana.

(Conti na.)

DR. J. C. DE CARVALHO.

Capão de engenharias.

### Montes de gelo.

As neves perpetuas são submettidas, durante o estio, a uma fusão incompleta, que as converte em gelos ligeiros chamados neveiras. Estas neveiras emittem para os corregos e vales estreitos montes de gelo, que descem abaixo da linha das neves perpetuas, tanto quanto as montanhas são mais elevadas, e mais frio o clima. Na Saboia, na Suissa, os montes de gelo que mais abaixo descem, são o dos Bossons, da Brenva, d'Alpsch, e de Grindelwald; elles provem do monte Branco, do monte Rosa, e dos Alpes-Berneses. No termo medio, sua extremidade inferior é em 1.250 m. acima do nivel do mar.

No norte o abaixamento da temperatura compensa a altura das montanhas. E assim, na Noruega, sob 61° de latit., os montes de gelo descem a 400 m., e em Spitzberg deslizam até a borda do mar.

O poder dos montes de gelo na Suissa é de 10 a 40 m., e o dos de Spitzberg é 30 a 120 m. Em um e outro paiz contribuem elles a restituir ao oceano uma parte de agua, que se evapora continuamente para sobre o continente cair no estado de chuva, ou neve.

No estio os montes de gelo de Spitzberg desabão sem cessar nas ondas, que derretem suas bases a medida que se achão em contacto com as aguas: dahi vem o numero immenso de gelos fluctuantes, que cobrem os mares polares.

Os montes de gelo da Suissa dão nascimento a grandes rios, taes como o Rhodano, o Rheno, o Tessin, que vão desaguar no Oceano ou Mediterraneo.

Os montes de gelo são animados de um movimento de progressão, que faz sem cessar avançar sua extremidade inferior. No verão se derretem pela extremidade inferior, e estabelece-se um equilibrio mais ou menos perfeito entre a fusão e a progressão.

Numerosas feudas, umas largas, outras estreitissimas, saclão os gelos. Em Spitzberg são adrirentes ao solo: na Suissa, porém, a acción simultanea das fontes de agua, e do calor atmosphérico os derretem, dando nascimento a essas heilas abelhas, que fazem a admiração dos viajantes.

Penetrando-se sob um monte de gelo, vê-se que elle não está em contacto com a rocha subjacente, e delle separado por calhans, e cascalho provenientes das partes superiores da montanha. Por baixo deste cascalho acha-se, que a rocha é polida, e estriada. As estrias são parallelas ao eixo grande do monte de gelo; e quanto mais molle e a rocha, tanto mais profundas são ellas.

Nas vizinhanças dos montes de gelo, se achão tambem rochas arredondadas, polidas e estriadas. A maior parte dos montes de gelo tem na super-

fieis cumulos de pedras, que cahem das montanhas visinhas, e em seu movimento de progressão as arrastão consigo até pó-las a seus pés. Estas pedras são designadas pelo nome de *mo-fões erráticos*. Quando é grande o numero dellas na superficie do gelo, constituem as *orlas medianas*; accumuladas nas bordas, as *orlas lateraes*, e depositas na extremidade inferior, as *orlas terminaes*. Algumas vezes estão estes montões de pedras sobre um pedestal de gelo. Chamão-se *mezas de gelo*; porque o nível geral abaixou pela fusão, e pela evaporação, em quanto que o montão de pedras preservou destas influencias o gelo, que cobria.

Jamais se achão corpos extranhos no interior dos montes de gelo da Suíça: todas as pedras que cahem nas fendas, são, na apparencia, repellidoas para fóra, mas, na realidade, e o nível do gelo, que abaixa, e chega até o da pedra, que então se acha na superficie.

Nos montes de gelo de Spitzberg, e nas neveiras da Suíça, vê-se montões de pedras entranhadas no gelo.

Não se achão somente montões erráticos em torno dos gelos. As planícies da Suíça, e o Jura são cobertos de pedras graníticas, que provêm dos Alpes. Nas planícies da Alemanha, da Rússia, dos Paizes-Baixos, nas costas da Inglaterra, e da Escocia encontram-se montões de pedras originaes dos Alpes Scandinavos. Estas massas tem sido transportadas, ou pelos gelos fluctuantes, ou pelos montões de gelo mesmo inteiros. Ambas as opiniões são sustentaveis.

Perto da embocadura do Lena na Sibéria, achou-se conservado no gelo um elephante de certa especie, que não existe mais sobre o globo. Era coberto de pellos e de carne perfeitamente conservada, que servio de nutrição a um grande numero de animaes. Seu esqueleto, e sua pelle se achão no Museo da historia natural em S. Petersbourg.

DR. MELLO MORAES.

## POESIA.

### A AVE DO AMOR.

Lasciato ogni speranza o voi ch'entrare.

DANTE.

Tu red-scends sur cette terre,  
Tu te poses sur un tombeau!

V. HUGO.

Que ave de paz lá vem, trazendo em cuidados  
No teu bico tão mimosas flores,  
— Talvez — colhidas de rosas de sonhos,  
— Talvez — nufradas em vergeis de amores?...

Que encantadora que és!... — Voga no espaço,  
Como na mente lida de ventura,  
Como um sorriso a espreguejar-se languido  
N' flor dos lábios de uma virgem pura!

Vem mais serena, que a canção, que passa  
Do coração ao lábio, onde fluctua,  
Sustentada nas azas da harmonia,  
Mais doce, que n' um cêo de outono a lua!

Que ricas pennas tem!.. verdes de esp'rança!...  
O' Young o canto fóra mais suave,  
Si as penas tristes, que seo canto implumão,  
Fôrão pennas tiradas de tal ave!...

Avesinha de amor, vai com teos ramos  
Fazer teu ninho: — veio a primavera: —  
Adões! vai ser feliz! Adões! só livre!  
Oh! tão livre e feliz, quem ger poderia!...

Vai! não paires aqui! Mas aí! mão fado!  
Mão fado teu, onde poisar vieste?  
Não havia algum campo mais viçoso,  
Algum vergel, p'ra ti, menos agreste?

Que queres tu de mim... retiro escuro,  
Ermo escaldado, triste heremiterio,  
Tudo — talvez se banqueteará larvas  
Com todo o horror das horas de misterio?!

Oh-lá do alto a mesquinhez dos outros:  
Vê-os vergar... pisar-lhes sobre o collo!...  
Julgar, que delles os separa um mundo,  
Quando é só a traição... o crime... o dolo!...

Meos amigos, fazei as vossas tacas,  
Fazei as vossas — azas de luz pura:  
Bate a vossa vossa nota de harpa p'vén,  
Que erguendo n'vós de um mar de luz, murmura!

Deixad... deixad... meo um e meo as azas,  
Cantando o cêo... o mundo... o firmão!  
Traz cá a vaza — um pensamento d'umo —  
— Tu em cêo e eu na phantasia!

Meos amigos, fazei as vossas tacas,  
Fide enchendo as azas de luz, que não tanto escorre!  
Hespero a vossa — abundância — não sei! — quem sabe?  
O cêo e eu... o cêo e eu... o cêo e eu!

Meos amigos, fazei as vossas tacas,  
— Tu me meo a vossa compa a uma impostura:  
— Tu me meo a vossa vaza a vossa interior,  
— Tu me meo a vossa sepultura!

Deixad... deixad... o cêo a vossa vaza,  
O cêo torçoso, copando a fronte o torço!  
Do que a vossa — o cêo a vossa vaza,  
E a a vossa — o cêo a vossa vaza!

Deixad... deixad... as azas, que de noite  
Bando de aqui, de ali um cêo salto,  
Como não v'os — o cêo a vossa vaza,  
Não creem, que p'vén o cêo pisar mais alto!

Eu não... eu não... em pó, qual so tenho uma harpa,  
Abundando, e sendo peregrino,  
Como um cêo me batendo as azas candidas,  
— Sem deixad... o cêo a vossa vaza!

Exoto os perros, que morder me tentão;  
Deixad... o cêo a vossa vaza,  
E digo: — este animal feroz, contado,  
Daqui a pouco está solado, e escotado!

Porque o homem lá está... tem fôco em montes,  
Tem n'as, que a cêo tremula de alagado,  
Seva o cêo montão, depois: — solta-lhe as rédeas  
Mele-lhe a esp'ra, e cêo a vossa vaza!

Também — as vezes — solta a estrada paço:  
O cêo a vossa vaza, e v'os o esp'ra,  
Deixad... o cêo a vossa vaza,  
Foi roubada aos povos: — f'zemo, e posso!

Paço além: o cêo — o cêo a vossa vaza,  
— Foi destruido — encala um v'os ainda  
Ao cêo a vossa vaza, e cêo a vossa vaza,  
— Deixad... o cêo a vossa vaza!

E' verdade: nova alma, — esse agito inmensa, —  
Bate as azas, vaidosa, e aos réos remonta:  
Ela quasi a impolgar um astro... impolga...  
Quasi naufraga em luz... lá cêo de tanta!

Tantos montes, que eu chamamos archedão,  
Tanta gloria no cêo com luz traçada!  
Que não de um rascão em tanto archedão!  
Que v'os a vossa vaza, que não saia mais lá!

LUIZ DELFINO DOS SANTOS

(Continua)

## VAR EADES.

### Passeio no aqueducto da Carioca.

I.

O' tu, estrangeiro, que pela primeira voz saídas  
o gigante postado à entrada do nosso magnifico  
porto, e te exaltas á vista da imponente natureza,  
que se desenrola em quadros variados sob o ra-  
dante sol do nosso tropico, desferindo seus des-  
lumbrantes raios sobre os verdejantes cimos das  
montanhas visinhas, e as soberbosas aguas da al-  
tiva Guanabara, cujas ondas beijão meigamente a  
orla das duas cidades irmãs que ciosa separa, não te  
detenhas no desembarque, de nossas caes...

Passa avante, se não queres perder uma só das  
impressões agradaveis que te inspirou o grandioso  
aspecto dessas cordilheiras de montanhas, e das  
populosas cidades, occultando-se por entre aquelas,  
semelháveis a caprichosa Odalysca furtando-se,  
em seus devaneios ao travez dos rozaes de seu  
jardim, aos olhares de seu amante.

Não te demores tambem em nossas ruas procura-  
ndo os nossos monumentos. Ainda os não possuimos;  
fomos colonia portugueza. E depois que nos constituímos  
nação independente, a grande população da rica capital  
deste vasto imperio, por demais dilettanti e de bom tom  
prefere despendere

grossas sommas para ouvir lindas cantoras, multiplicar os bailes e outras distrações publicas, a  
concorrer para expurgar as nossas ruas dos tigers  
que as infestão!

Apressa-te em deixar o recinto onde esta assentada  
a orgulhosa ramha da America meridional  
trajando pomposas galas mas tão profundamente  
descuidosa do seu estado sanitario.

Offerecem-te os seus suburbios tudo o que pode  
atrahir a attenção do apertador dos bellos dons  
da natureza, encantar-lhe a alma, elevar-lhe a ima-  
ginacao; sitios alegres, pittorescos, grandemente  
concorridos uns, menos frequentados outros, mas  
todos graciosos e poeticamente adornados de perenne  
verdor, de flores odoríferas.

De um lado tens a feliciteira cinta do presenteiro  
e ruidoso Botafogo reflectindo-se namorado nas  
aguas que beijão suas praias; apoz elle S. Clemente  
guardado de lindas chacharas bordando de varia-  
das flores a passagem para o jardim Botânico,  
sitho delicioso que recebe as primicias da curiosi-  
dade dos provincianos chegando a esta capital, e  
offerece aos habitantes desta um ponto de agrada-  
veis reunioes, e condições azadas para o estudo e  
o amor.

As Laranjeiras com suas seductoras voltas,  
desdobrando sempre novas gracas encanta e seduz  
a alma poetica que por alli se entranha ate o Cosme-  
Velho, respirando a brisa que desce das montanhas  
dominadas pela sua magestosa soberana, o Corco-  
vado, cuja fronte alliva parece focar o cêo, e toma  
diversas formas, observado de diferentes logares.

De outro lado encontraras as diversas estradas,  
bordadas de curiosas chacharas, que conduzem a S.  
Christovão, e ao Engenho-Velho até o fresco e sa-  
lubre Andaraiv, por onde serpenteia cristalino  
regato, e se propagam as frondosas mangueiras, a  
cuja sombra deliciosa pode-se sonhar a vontade!

O melancolico amoroso Rio Comprido e todos os  
frescos e saudaveis sitios adjacentes, não encerram  
menos interesse e encanto.

Mas se tens alma e imaginacao de poeta, segue-  
me pela rua denominada dos Barbones até encon-  
trar a tua direita os elevados arcos da Carioca  
que trazem a melhor agua, que se bebe na cidade, ao  
chafariz do mesmo nome. Lá em cima de suas  
bases o nome do seu digno fundador.

II.

E' este o unico monumento util e grandioso que  
possuimos dos tempos coloniaes; copia imperfeita  
do admiravel aqueducto das *aquas vivas* de Lisboa:  
porque no Brasil, donde se extrahião copiosos the-  
souros para levantar soberbos edificios em sua  
metropole, não valia a pena constgür obras de mór  
importancia.

Sigamos porém o nosso passeio subindo a cal-  
çada que o vulgo denomina ladeira de Sancta The-  
resa, actualmente quasi toda apertada entre o enca-  
namento e casais de ha poucos annos construidas.

Eis-nos na terceira volta que forma a calçada:  
temos em frente sobre o alto da colina em linda  
esplanada o convento das austeras religiosas de  
Sancta Theresa, cuja capella deo o nome a estes  
logares.

E' aqui que vivem as nossas santas victimas do  
fanatismo, arrostando voluntariamente uma exis-  
tencia de macerações, de que nenhum bem resulta  
à humanidade. Ellas orão pacificas no silencio do  
claustro ao Eterno por nós outros mundanos, em-  
quanto as irmãs de Caridade correm ao travez de  
míl fadigas e perigos de um a outro ponto da terra  
occupando-se de curar o physico, consolar ou pre-  
parar o espirito do seu semelhante a fim de tornal-o  
melhor.

Qual das duas instituições tem melhor compre-  
hendido a palavra do Christo nós deixamos, aos  
espiritos esclarecidos e eminentemente christãos  
decidi-lo.

Respeitemos entretanto as convicções, as crencas  
religiosas destas boas creaturas sepultadas em  
vida nesta sanctamorada, cuja vista inspira melanc-  
olica e profunda veneração!



Contempla o quadro que começa a desdobrar-se a nossa esquerda. E' aquelle o porto onde fundeaste saudando a antiga terra dos Tamoios; a floresta de mastros que elle encerra revela para logo a grandeza do nosso commercio.

Esta além a fresca Nitherohy com a sua longa fila de arvores em frente, mirando-se feiticeira nas límpidas agoas que a banhão. Lá alveja em elevada colina a igreja de S. Lourenço, e os restos de uma aldeia famosa que recorda o nome illustre de Ararigboia, seu primeiro fundador e autor de tantos feitos heroicos em prol da civilisação desta parte do Brasil, onde como tantos outros jaz esquecido na memoria de seus vindouros!

Galguemos o que nos resta a subir desta montanha, e fazendo-o attende para o doce murmúrio das agoas despenhando-se pelo declive da ladeira, encerradas no aqueducto que se prolonga tortuoso ora á direita ora á esquerda até a grande caixa d'água, como uma enorme serpente atravez da relva que lhe verteja os lados.

Eis-nos libertados da incommoda subida dessa

garganta formada pelo aqueducto e os muros de algumas chacaras.

Repousemos alguns instantes neste ponto, onde se começa a aspirar o ar mais puro dos arredores da cidade.

Espira a vista pelos soberbos panoramas que d'aqui se desenrolão! Não sentes teus pulmões dilatarem-se, teu coração expandir-se, teu pensamento elevar-se ao Creador de tantas magnificencias!?

Ali a pitoresca Gloria, além a bahia, a entrada do nosso porto com as suas sentinelas avançadas, Santa Cruz, e S. João, sobre cujas muralhas quebrão-se com furia as ondas.

As duas fortalezas de aquem, uma recorda um dos nomes mais illustres da França, Coligny trocando depois por uma vil traição pelo nome de Villegagnon seu perfido fundador, a outra que parece quasi submergida nas agoas lembra-nos as torturas de illustres prisioneiros gemendo em seus humidos e lobregos calabouços.

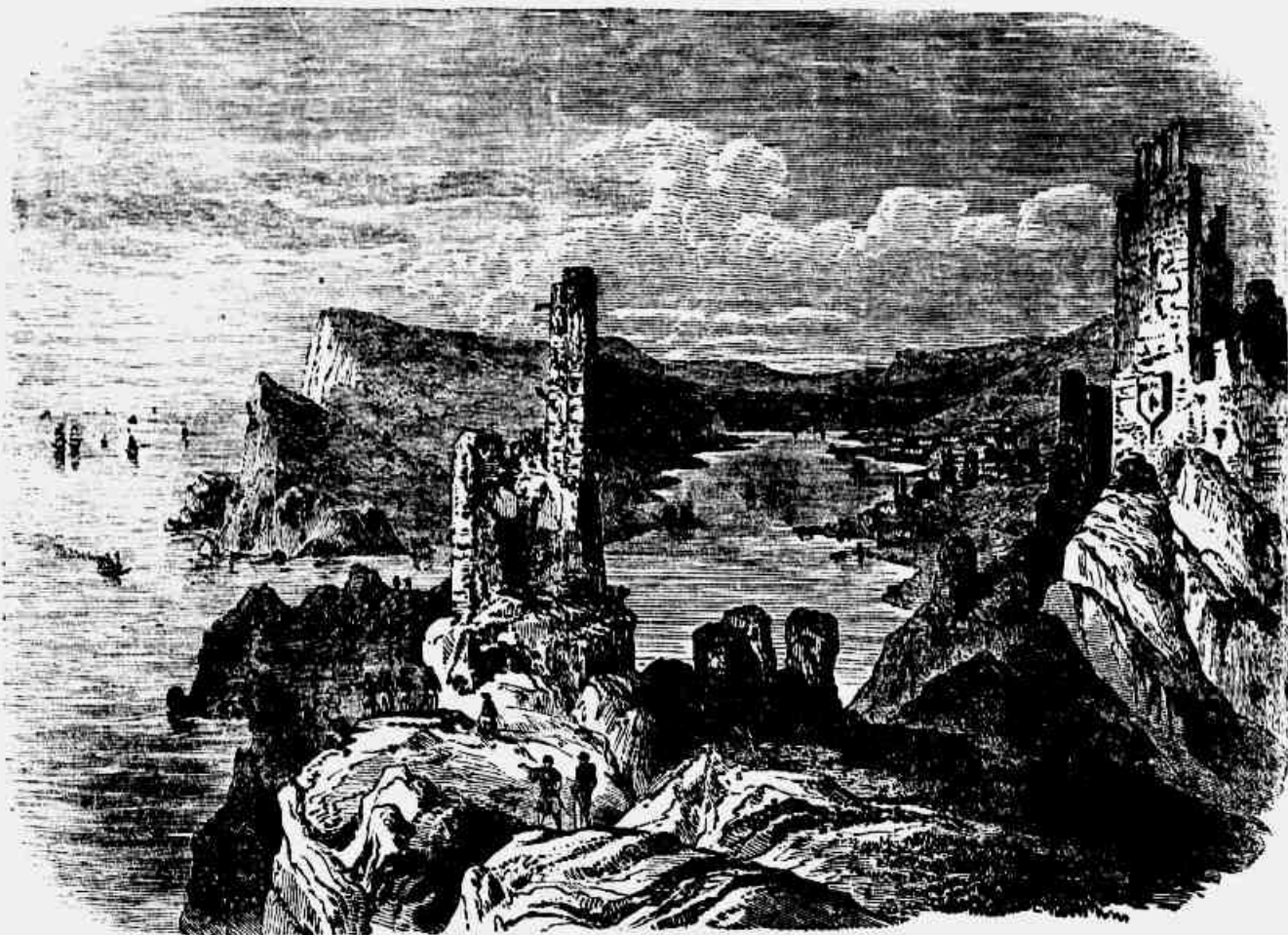
Deixa porém aos brasileiros estas dolorosas re-

cordações; outros quadros se apresentam mais dignos da contemplação do estrangeiro.

### III.

E' d'aqui que começa o delicioso passeio, sombreado por gigantescas arvores, ao longo do aqueducto offerecendo simultaneamente vistas de mar, de cidade, de bosque, de montanhas elevadas, e de casas espalhadas aqui e ali, ora no alto, ora no declive e na base das colinas.

Aqui uma habitação se mostra a furto ao travez de espessos grupos de bananeiras, ostentando toda a graça do balançar de suas largas e verdejantes folhas, e de odoríferas laranjeiras embalsamando a atmosfera com o aroma de suas flores, ou sobre carregadas de seus pomos dourados; ali uma planície risonha contrastando com o aspecto austero das montanhas, que a cingem, coroadas ainda de florestas virgens, ou colinas, e grotas cobertas do lúculo precioso arbusto curvado sob o peso do corado e lindo fructo, que fornece a mais deliciosa bebida, e um dos primeiros ramos de commercio



Vista do porto e interior da cidade de Balacava.

da nossa terra. A luxuriante vegetação destas paragens nos faz gozar duas vezes por anno o agradável aroma de suas flores.

De espaço em espaço commodas bicas de abundante e cristallina agua, praticadas no aqueducto para o uso do publico, offerecem a este saciar a sede agradavelmente depois de um trajeto mais ou menos longo, e macia relva o convida a repousar os membros fatigados.

Estas duas miniaturas de pyramides, que separam aqui o aqueducto sobre a superficie do solo, são os denominados *Dois irmãos*: a alguns passos mais está a guarda que vigia sobre a segurança publica destes sitios. O atterro que ves em frente foi recentemente construido e é pena que lhe falem assentos junto ao parapeito donde se gosa um bello

ponto de vista da rua rectamente alinhada de *Silva Manoel*, de Mata-Cavallos, chacaras adjacentes, jardins e colinas cultivadas, ou semeadas de habitações campestres sorrindo-se ao travez das arvores e flores que a rodeião.

Continuando um pouco mais tens á tua esquerda sobre as montanhas que se abração, tomando diversas formas, engraçadas pitorescas casas patentes á vista, ou occultas como ninhos de aguias sob os ramos das arvores, balancadas ora amorosa, ora fortemente pelas brisas do norte.

Um alvergue, por demais modesto ali se esconde mais que as outras habitações, perdido em espesso bosquesinho plantado pela mão de um ente que se apraz meditar na solidão sobre essas massas desvairadas por illusões mais ou menos risonhas que

se chama mundo! Deos, e a humanidade reinão em seu espirito, em seu coração o amor da familia e da patria, da patria por cujo feliz porvir escapão-se-lhe do peito em cada aurora os mais fervorosos votos ao ceo.

### IV.

Prosigamos costeando a montanha por sobre, ou pela base do aqueducto, ao som das agoas que lá dentro murmurão docemente, e do melodioso canto dos passaros pousados nos ramos das arvores que sombreão a estrada.

Que deliciosas paragens! que meiga e encantadora solidão!

Estamos na volta formada pela primeira caixa d'água, repousemos nos assentos que ella offerece ao passeador fatigado, ou attrahido pelo poetico

suspirar, e as alturas que neste ponto se despenhão pela pequena foz, para por onde se ergue o aqueducto. Tudo aqui é harmonioso e bello como sempre a natureza quando a natureza não tem de tudo a disposição.

Mas, que melancolicos arrebatos vem singulares — em contrastar com a suave harmonia desta natureza.

Mis que se me terra o coração de certo? Vexa a natureza, espreita aquelle escarpado rochedo? E he de mais que desde essa voz triste e lamentosa, a natureza espreita, quasi exausta de forças, obrigada ao trabalho de exaustão do deixo dos raios do sol abrasador, e sobre a pedra ardente que a natureza espreita e condemnado a despendir da to-

ra. He-se enraquecido pelo mais de uma vez. He-se enraquecido a natureza, os segunhos estrophes, que he a natureza a alma, e me arranca a alma a Eterna pela regeneração dessa natureza a quem a mesma natureza não da direito ao repouso? E sempre um solto que as canta:

— E cheza a minha cabana,  
Sob o arco de palmareas,  
E a voz da terra e do Amor,  
Muitos terços de fazendas.

— La deves muller e filhos,  
Meu trabalho, o meu porvir,  
A voz da terra e do Amor,  
Para que não sejas seguir.

— Desde então se está vives  
Escuto de humidade,  
Trabalha, trabalha, mego,  
O doce, e a Eternidade.

— La muller se está vives  
O meu trabalho e do Amor,  
Trabalha, trabalha, mego,  
A morte he sempre a.

Assim canta o pobre escravo resignado a sua miseria no meio da magnificência e esplendor desta riquíssima natureza, no seio de um grande povo ao alano de suas livres instituições?

Ainda nem os potes deste espectáculo affligido para as almas penetradas do amor da humanidade. Novas e mais agradáveis emoções nos esperam além.

Os panoramas se succedem variados e encantadores, dignos dos pinceis dos mais habidos paesistas. As habitações continuam a multiplicar-se a esquerda, nas faldas ou nos declives das montanhas que encastam, e novos quadros se vão descobrindo logo a peneira a nossa direita. As águas da bacia banhando a *Sacreda Affrica*, *S. Christovão*, *Ponta da Cruz*, etc., se mostram rios e offerecendo aos olhos do contemplador, allastados da capital que se se ostenta ao longe, as pitorescas engradadas fozes com que nada do desenhos em sua superfície, e arredando mil diversos primores da natureza. Tudo aqui se descobre a foz das fozes, em uma e em seu longo manto de flores, combinando sentada sobre tapetes de perenne a foz.

E a seductora Paqueta, sítio ameno e delicioso, he o templo de certos amores, de sanctas e suaves fozes da natureza.

Santa respectiva Paqueta, o estrangeiro, se em seu coração abraça o amor da liberdade e a liberdade homenagem a memoria dos grandes genios que sublevarão philosophos, punter poetas directos da patria. Foi he que viveu em seu segundo exilio Jose Bonifacio de Andrada?

A.

Entrando-te por este passeio unico no seu genero, attento admira o aspecto desta natureza ora fagueiro, ora austero, sublimo sempre! esta soberba vegetação que te rodeia sob mero anilão e radiante, as diversas e magnificas formas que apresenta nas diferentes voltas do caminho, as montanhas, os vales, as numerosas encostas da bacia banhando aquelles diversos subúrbios da capital, os campos bordados de habitações alegres, a perspectiva variada de todas estas bellezas superabundantes de vida tendo no fundo do quadro um

pensamento lugubre representado pelos mausoléos que la alvejam no cemiterio de Catimby ja tão tristemente povoado! Passemos avante.

A amenidade e os encantos destas paragens, o terreno plano sobre que andas respirando a brisa refrigerante das montanhas não te permitirão fatigar os membros neste delicioso trajeto.

Aproxima-te deste paredão novamente construido para preservar os passantes em qualquer descuido de se despendir-se nas grotas que la em baixo estão; vê nestas mesmas grotas a florescente vegetação que por ellas vai. Se és dos frigidistas do norte, onde as laranjeiras florescem anas encerradas nas estufas a custa de immenso trabalho do homem, compara aquella vegetação artificial com a desta multidão de laranjeiras verdejantes, sem cultura nenhuma, que comeca da parte exterior desde muito ao travez do despendadeiro que por ali vai ao valle.

Aqui a mão do homem toca apenas a terra, e ella lhe alia por logo os seus thesouros.

Aquellas situações que la alvejavam na planície, e na encostas das montanhas a nossa direita pertencem a denominada *Coca da Thea*, avançando do Rio Comprido.

Estão nas segundas *Doas Terças*, pequenas pyramides um pouco mais elevadas que as primeiras, e n'uma posição melhor, donde se descobre a esquerda o lindo panorama das *Laranjeiras* e *Cosme-Velho*.

Daqui em vante a natureza se ostenta com mais pompa em toda a sua simplicidade!

O passeador encontra sob as corpulentas arvores que sombreio o caminho sitios romanescos e apropriados para os naturalistas e os poetas. Os primeiros estacionam-se fitando os olhos neste grande livro aberto da natureza; os segundos elevando a Deos o pensamento, sentem-se inspirados em presença de uma de suas mais admiráveis creações!

Que silencio respira estes lugares! que doce harmonia forma o melodioso canto dos passaros com o sibil das folhas agitadas pela fresca brisa que passa sussurrando mansamente, e vai communicar seus mysterios aos mais espessos bosques não explorados ainda pela mão do homem!

Aqui e uma especie de buco por onde se despende a água nas grotas que nos ficam a esquerda, acola uma lagoa, como que perdida, a borda da qual se inclina o passante para refrescar-se. Mas nada excede a essa immensuravel muralha natural formada pelo uniforme arvoredo da montanha que comeca logo por sobre o aqueducto e parece perder-se nas nuvens com os olhares e os pensamentos do contemplador sensível que busca o infinito!

Ja attento nos attende o sussurro das águas despendendo-se em cascatilhas, e annunciando a chamada *Mai d'agua* termo do aqueducto; demandando: será ali que terminaremos o nosso passeio.

Depois de tantas bellezas que deixaste apas de ti o teu espirito erra, ter esgotado toda a sua admiração; mas no espirito do poeta a admiração não se esgota quando em frente dos quadros grandiosos da rica natureza do meu Brasil.

Olha para a imponente perspectiva do soberbo gigante a cujos pés parece estarmos.

Diz-se-lhe que elle deslecha sobre os que o contemplam deste ponto esses cristallinos lençoes de espumante liquido rolando com fracasso ao travez de matas virgens, e por sobre enormes lagos ate este triplo reservatorio ainda em construção, donde sabe depois mais lentamente para ir saciar os habitantes da populosa cidade do Rio de Janeiro.

Aqui a mão do homem comeca a construir uma obra digna destes sitios, e de um povo civilisado. Em seu principio revela já o interesse que della resultará ao publico, e a attenção que excitara do estrangeiro, por aqui passando um dia, para subir ao cimo do Corcovado e extasiar-se, abrangendo d'ali, quanto pôde a fraza vista do homem, o arrebatador e estupendo quadro, quadro que jamais não de artista conseguirá reproduzir em toda a plenitude!

Commovido por tao multiplicadas bellezas tu pareces recolher tuas ideas no auge de uma dupla admiração! E perguntas-me se estes sitios que percorremos, e cuja presença deixou em tua alma tao profunda impressão, são ignorados dos elegantes, dos poetas, dos sabios da nossa grande capital?

Advinho o teu pensamento, comprehendo o teu espanto. Nenhum por aqui encontras! A solidão destes lugares com razão te surprehe!

Não quizera esclarecer-te a tal respeito, mas um coração franco e sincero não deve calar a verdade, maxime quando se trata de satisfazer os estrangeiros por quem costumamos ter todas as deferencias em nossa terra proverbialmente hospitaleira.

Sabe pois que os brasileiros, posto que tenham gosto delicado, e fino discernimento não são as grandes apreciadores da natureza, nem os mais attentos na escolha do que pode concorrer para vigorisar-lhes o physico, e elevar-lhes a alma.

Este delicioso e útil passeio, as portas da nossa abafada capital, esta quasi sempre como ves, deserto de seus habitantes.

O uso de um passeio hygienico quotidiano não for ainda admittido em nossa terra.

Uma parte das nossas mulheres continua estacionada na vida casera, exposta as enfermidades que ella acarreta, e passa a vida em indolente indifferença, ou entregue ao trabalho, que a falta de methodo torna arduo, e muita vez sem proveito real; a outra prefere abstar os seus encantos, ou a elegancia do seu trajar nos empoeirados bairros predilectos da multidão, a vir respirar o ar vivificador destas montanhas sob as verdes abobodas naturais que se prolonga pelas engradadas curvas que forma o aqueducto. La seguem-nas os galanteadores, os poetas, e ate os nossos sabios!

Para aqui, agora os moradores destes lugares, apenas vem passear alguns grupos de caçeiros, que o domingo liberta do trabalho, e lhes permite amplas liberdades ao genio destas solidões; ou da longe em longe alguma reunião de amadores, cujos musicos accentos tambem se harmonisam com os encantos destas paragens.

Uma ou outra familia vem tambem em alguns domingos jantar sobre a relva a borda do caminho, ou sobre as lagos da *Cruz da Agua*, cercadas das limpas águas que livres ainda por ali correm.

Mas o verdadeiro apreciador dos thesouros da natureza, tao prodigamente espalhados aqui pela mão do Eterno, o meditador profundo e as grandiosas obras, de sua Omnipotencia Divina, de seus sublimos dons, em vão procuraram encontrar perdido nesses grupos indifferentes a magestade celeste que tanto aqui se revela e tão grandemente impõe!

B. AUGUSTA.

#### Meu sobrinho.

Diz um antigo proverbio: *a quem Deos não da filhos, o Diabo da sobrinhos*.

Os taes sobrinhos são ás vezes um verdadeiro flagello! não sei mesmo si isso acontece por serem elles *mimo* do Diabo; em fim seja o que for, o certo e que tambem eu tive a infelicidade de ter um sobrinho.

Foi em vão que lhe quiz meter nas unhas a facia e a navalha: boas! o rapaz nasceu com instinctos aristocraticos, e o que ainda é peor, nasceu com a bola desarranjada; quero dizer, deo-lhe a mania para ser poeta... ou paeta, que segundo dizem os adiantados d'este seculo das luzes apagadas, são synonymos.

Ja tenho pregado ao tal meu sobrinho a respeito da verdadeira missão de todo o homem que tem senso commum, que é: — *ganhar dinheiro*. O tolo porem sempre anda a fallar — *nas nobres aspirações da alma, na missão da intelligencia, etc.*; e outras tantas bobozeiras d'esta lã.

Chama-se o tal meu sobrinho Juca: é bonito rapaz; veste assediado, e a modo que tem na testa



alem do T, alguma cousa que os que sonhão acordados chamão — *distinção, cunho de intelligencia*, ou coisa que o valha.

O tal Inquinta é estudioso, callado, modesto, etc., por isso todos concordão que elle *não presta para nada*, que não passa de um moco romantico; tem razoes que assim o classificão; e para que me não fachem de meu tio, ah! vai a nossa ultima conversa, que eu dou a luz publica, por que meu sobrinho ja la vae pela barra fora.

Na vespera da partida do Vapor Americano — *City of Pittsburg* — estava eu garatujando papel e umas aguas furtadas, que ficão por cima da loja, quando vejo entrar o Juca, sempre com o seu traje preto, suas barbas de *Porta-Machado*, e seu ar solenne.

Esperando alguma marcada, dei de parte os meus papeis, e disse, apertando-lhe a mão: —

Como estas, Juca?

— Vamos vivendo, meu tio.

Houve uma pausa. Tomei uma pitada: o meu sobrinho tinha os olhos pregados no tecto.

— Então? que trazes de bom, ou de novo?...

— Para mim tudo e velho e tudo e mau.

— Eu cossei as orelhas, e associ-me, e principi assim.

— Ora Juca, es ainda muito rapaz para fallar assim: —

— Nada envelhece o homem mais de pressa que a desgraça, meu tio.

— Desta vez tomei tres pitadas afio, e comecei a tocar uma marcha com os dedos sobre a meza.

O Juca deu um suspiro.

— Então que e isso, meu sobrinho? estás sempre a suspirar? —

— Eu soffro, meu tio.

— Pois faze por não soffrer. —

— Ah! meu tio! e como não soffrer? Só no mundo, sem carreira, sem missão, tudo me aborrece... soffro enfim.

— Quem tem a culpa, Juca? não és tu mesmo? Tu tens intelligencia, portanto mãos á obra; dedica-te a alguma cousa. Vejamos: eu, ainda que os cobres não são muitos, prometto ajudar-te.

— O Juca conservou-se callado algum tempo, e depois respondeu: —

— Meu tio, a minha cabeça e o meu coração estão doentes; mas enfim, eis-me aqui: hei de ouvir os seus conselhos, e veremos si Vm. traca-me uma vereda na vida, que se ella me convier, seguit-a-hei. —

— Muito bem: pois então vamos a isso. Eu ja sou entrado em annos; vou ficando velho, e, ja se sabe, uma das manias dos velhos é dar conselhos. Entremos em materia. —

Fizeste os teus estudos preparatorios?

— Meu tio bem sabe que sim; porem o meu fraco sempre foi a litteratura.

— E ainda te dura essa mania, meu sobrinho?

— Mania, meu tio? Pois que! a intelligencia não será com effeito uma faísca divina, que illumina a mente do homem, que o enobrecce tanto como uma coroa, que o assemelha á Divindade, porque crea como o proprio Creador? — Pois será a intelligencia apenas uma mania?

— Eu não sei ao certo o que estás ahí dizendo; mas meu sobrinho, cá no meu entender, a intelligencia é peor que a *cholera*, e não presta para nada: uma vez que te traz com a cabeça doente.

— Isso é verdade, meu tio! Infeliz do homem intelligente no nosso paiz! — Indubiado, desconhecido, é um ente inutil na sociedade. Poesia! dom sublime, fogo sagrado, que abrasaste a mente de Tasso, que inspiraste a Camões, hoje vales menos que o mais vil genero de mercaderia.

— Meu sobrinho, de nada te servem essas bellas lamentações. — Ouve: uma vez que a intelligencia, é com effeito uma entidade, que ainda que impalpavel, existe; e uma vez que te tocou o flagello de teres lá nos miolos, (si é que os que tem intelligencia também tem miolos; essa que tu chamas *faísca divina* —, vejamos o que se póde fazer. Tens escripto algum volume de poesias?

— Pois Vm. já se não lembra da collecção que eu publiquei ha dois annos?

— Ah! sim: e então quanto ganhaste?

— Nada, meu tio! gastei perto de trezentos mil reis d'aquelle dinheiro que me deixou meu padrinho, e por fim fui obrigado a recolher o meu opusculo das casas dos livreiros, e vendi-os n'uma venda a lostão a libra.

— A libra de verso?!

— Não, senhor: a libra de papel.

Foi bem paga; mas, sobrinho, peor era que os ratos e as baratas lhe tivessem dado fim... Ora vamos: e depois não composeste mais nada?

— Quiz dedicar-me ao jornalismo.

— Tu, Juca?!

— Eu mesmo, sim Sr. Fui á redacção de um dos nossos jornaes, e offereci-me como redactor.

— E então? obtiveste vantagens?

— O dono da casa disse-me, que o mais que poderia fazer em meu favor, era abaixar-me um vinco por linha!

— Pois esta visto! então, que julgavas tu? que aqui se paga a quem escreve? Não Sr.: só se faz excepção com os estrangeiros, pois lá quanto aos filhos do paiz se quizerem moralisar o povo, que puxem pelas patacas; isto é o mais justo. Mas então, que fizeste?

Sahí do escriptorio desse *Jornal*, metti-me em casa, e fiquei fechado trez dias!

— Entendo: impozeste-te uma penitencia. —

— Estava aborrecido.

— Foi mal feito.

— Foi nessa epoca que me deliqui ao Theatre: compuz um Drama.

— E verdade. — Apresentei-o ao *Conservatorio*.

— Aprovárao?

— Foi prohibido.

— Oh! diabo!

— Não emoreci: continuei e compuz outro. Com esse fui mais feliz: approvárao!

— Bravo, Juca!

— Oleio de enthusiasmo levei-o ao theatre....

— Ai, sobrinho! ja vejo o desfecho das tuas andanças!...

— Recusáro-m'o, porque havia trez Dramas Francezes a pôr em scena!...

— Então ja vês pela propria experiencia que pelo que respeita a litteratura....

— Os romances, nem ha quem os queira publicar, nem quem os queira ler!

— Justo: estão de accordo. Mas meu sobrinho, outras carreiras existem para a intelligencia.... Tu ja te formaste em direito: se um advogado.

— Meu tio, a lei escripta é muito bella, mas no nosso paiz impera costume, que é pessimo, e eu não nasci para a chicana!

— Isso são escriptulos: rouba e mente, sobrinho, que se não é a lei de Deus, pelo menos é a lei do mundo.

— Nunca! advogado, eu só defenderia a innocencia.

— Ai, maldadado Juca! e onde irias tu parar?

— A' força talvez, meu tio!

— Bom proveito que te faça; mas eu para lá não dezojo ir. Olha: estuda medicina: sacerdote do povo, podes curar o corpo e illustrar o entendimento, maxime no dia de hoje, que os medicos fallão até pelos cotovellos.

— Já estou velho para começar a carreira de medico.

— Não digas tal! compra um diploma de medico homoeopathia; falla em Nosso Senhor, nos Apostolos, nas Irmãos de Caridade, etc. etc., e entretanto, não te desenes de ir vendendo os teus vidrinhos a dez mil reis cada um.

— Não, meu tio! respeito a sciencia de Hahnemann, porém nunca me servirei d'ella como de um meio de especulação. Eu comprar um diploma?

— Pois então que tem isso? é uma patente como qualquer outra.

— Um diploma de medico comprado, é uma patente de assassino!

— Ora! quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer! isso de matar, a muitos medicos acon-

tece; bem ves que sem medicos e epidemias haveria excesso de população.

— Ora, meu tio, Vm. sempre está a gracejar! — Não ha tal, fallo serio. Ora diz-me: e para o commercio não tens geito?

— Mesmo que o tivesse, sou filho do paiz, e...

— Sim, já sei demais a mais usas bigodes: e isto e prejudicial ao negocio: usas o cabelo repartido, botins envernizados, pareces enfim homem civilisado, logo a primeira vista, e isto também é contra o commercio: o Negociante, segundo os nossos, deve ter assim um certo ar de *nesco*, por que é mais compativel com a probidade, a honradez, etc., etc.

— Inda bem que Vm. conhece, meu tio.

— Mas, meu sobrinho, porque não has de fazer como todos os homens? Falla, maldito; não te calles; diz asneira a torto e a direito, toma ares de importancia, mette-te em toda a parte, sem esperar que te chamem; vai vivendo, e não te importes o como.

— Como, meu tio! e a consciencia? e a delicadeza?

— Cala-te, sobrinho, que me mette vergonha tanta tolice da tua parte! — A consciencia é como outra qualquer coisa; e lá quanto a delicadeza, isso não tem o *sensu commun*. Tu és bonito moco, pois procura uma mulher com dinheiro, casa-te, e...

Uma alliança infame?!

— Tomas logo tudo pelo lado peor! E' uma especulação como qualquer outra.

— Quem? eu?! eu especular com o destino de uma pobre mulher? Fazel-a infeliz para sempre! Ora deixa-te disso. Ella te estimaria: tu és bonito....

— Mas se eu não a amasse?

— Fingias.

— Não, isso não se finge!

— E' verdade, isto dizem os patetas como tu que lá quanto ao mundo, metade mente e metade engana.

— As excepções são feitas para justificarem as regras; eu sou uma excepção.

— Pois meu rico sobrinho, uma vez que isso assim, não me venhas mais aqui apouquentar a paciencia.

O Juca levantou-se.

— Adeus, meu tio... vinha mesmo despedir-me de V. Mm.

— Ah! pois para onde vás?

— Vou para a California.

— Como é isso?!

— Sim, Senhor; vou no vapor que parte amanhã, no *City of Pittsburg*; uma vez que sem ouro não se póde viver, tenho mais coragem para ir desenterrar-o com as unhas das entranhas da terra, do que para havel-o aviltando-me aos olhos de Deus e de mim mesmo!

Confesso que me enterneci, e abencoei o meu sobrinho, que ja la vae pelos mares do Sul.

Si voltar rico será um grande homem, como muita gente o preceia, si voltar pobre será um pedaço d'asno, como muita gente o preceia.

F.

#### Observações curiosas.

(Continuação).

Não sei como ha ainda quem *segure* os seus escravos; pois ha muito tempo que já pela *companhia* de pedestres são elles *seguros*.

Nesta época de epidemia é pelo menos tão conveniente pôr de *quarentena* as noticias, como os navios.

Ha certos frades que em tempo de quarentena doem andar recatados, porque correm o risco de serem dados como presente de festas; visto que são *cartuchos*.

Não ha proprietario de casa por menos gaue-

no, que, offerecendo-se-lhe umas luras, não es-  
teja pelos ajustes do inquilino.

Sempre que ha fogos do arteificio evitão todos  
ser queimados por bombos; entretanto que ha-  
vendo incendios trata-se de as ir buscar.

O. O. S.

## REVISTA DA QUINZENA.

Leitores — Estrear é resolver o problema da  
david, do receio e do temor.

— O poeta que estreia, julga-se na transição do  
mundo phísico para o visionario.

— O artista nas portas do capitolio.

— O militar nos muros de Sebastopol.

— O clérigo na cadeira Pontifical.

— O empregado publico nos exercicios fúidos.

— O estudante no epilogo do namoro.

— O medico na junta de hygiene.

— O advogado na camara temporaria.

— O actor no dia de juizo....

— E um redactor de quinzena ?...

Advinhae, leitor, advinhae o que julga-se um  
redactor de quinzena, o que julga-se este vosso  
servo que pela vez primeira tem a distincta de fazer  
gerner o prelo para dar-vos a historia fiel de quinze  
dias em que se passarão tantas coisas feias e bo-  
nitas, bem que apparecerão tantas saudades murchas  
e tanta esperanza em flor !...

Pois é facil leitor....

Quando não se tem uma fada que nos prateados  
sonhos de mancebo venha roçar por nossa frente  
com as transparentes e auribranças azas da poezia,  
donde arrancará a dourada penna que se ambiciona,  
a estreia do redactor de quinzena é um acto de con-  
trição ás penas futuras, é um hoje de ansiedade  
um *amorão* de temor, é finalmente uma fragil  
barricada exposta nos balaios da *senhora critica*  
que com todos contende, até com o redactor caloiro.

E é por isto que eu me vejo em verdadeiro apuro.

Escrrever é couza facil; mas escrever que agrade  
aos entendidos, é o que põe um pobre Revisteiro  
de cara à banda; é o que tem feito muito litterato  
de *gravata lavada* esmorecer no meio de sua ro-  
mantica peregrinação, e arrepende-se de se ter  
feito Revisteiro para um publico que o julga uma  
ambulancia intellectual, um engenho de *graça*, ou  
um deposito de idéas genuinas, suas e sem enxerto  
algum.

Ora, leitor, um plagiato as vezes vem tanto a  
tempo que bem merecia desculpa — aquelle que o  
aproveitasse convenientemente. — Eu por mim os  
relevo. Não estou eu sujeito a me agarrar um dia  
a esta ancora de salvação, uma vez que empunhei  
as ferramentas do officio? — Demais os plagiats  
*quasi sempre são bonitos*, e haveis de concordar  
comigo, leitor, que antes um *bon* plagiato do que  
um *pequeno* original com quanto assim não pensem  
todos os litteratos de *meia tigela* que não escrevem  
*Revista*.

Não julgueis por isto que eu já me disponho a  
copiar o que de bom disserão os autores posthumos  
(que entre parentesis, são os mais condescendentes  
e por isto mais encommodados) desta vez ficae  
descançado. O revisteiro que em sua estreia apre-  
senta uma quinzena de miscelaneas alheias, não  
sei, leitor, não sei o que merece....

Pensae vós na pena que lhe daries, em quanto  
eu estudo alguma cousa de *improviso*, para servir  
de exordio à minha quinzena....

O exordio meu leitor, é o *passa-culpas* dos ora-  
dores; é um brinquedo com que elles entreteem os  
ouvintes para fugir de entrar em materia, é uma  
enunciação diffusa de uma conclusão logica....

Alguns oradores conheço eu, que depois de em-  
banharem um exordio de duas horas passão a tratar  
da materia com as sacramentales palavras — *Disc...*  
— *Tenho concluido* — deixando a todos em jejum;  
mas tendo em compensação — (muitos apoiados) —

ou — (muito bem) de seus collegas, que o *ente de-  
rão* perfeitamente.

— E tudo é assim !...

Basta leitor, e vereis agora que a materia tem  
muita analogia com o exordio que venho de fazer;  
ou antes que na razão inversa dos oradores, escrevi  
um exordio logico de uma materia diffusa.

— A quinzena não correu de todo arida; houve  
alguma cousa que merece ser-vos relatado, apesar  
de que já as deveis saber se sois dado à leitura das  
folhas diarias — maldito *cabrio* dos revisteiros.  
Perdoai-me pois a repetição que vos vou escrever.

— Entre em materia !...

Se visseis meu leitor, como despertarão os ha-  
bitantes do nosso classico Rio de Janeiro em os pri-  
meiros dias do corrente, se assim como eu, fosseis  
dar o vosso passeio hygienico pela mais torta rua  
talvez, mas a quem os nossos avós chrismarão  
pomposamente de — *Direita* — pasmarieis de  
certo !...

O mais incredulo de vós, pensaria que alguma  
tribu de nomados barbaros ameaçava invadir a  
nossa cidade, ou que o mundo inteiro vinha contra  
nós a julgar-se pela actividade de seus habitantes  
que pallidos e com os cabellos iricados amontoa-  
vão-se pela praça do Commercio, e suas immedia-  
ções.

E teria razão em parte; não era do perigo que  
corrião; mas era para elle; não era a tribu de bar-  
baros que nos ameaçava, nem o mundo que nos  
perseguiu, mas erão elles, meus leitores, erão elles  
que ameaçavam invadir a caixa da amortisação, e  
disputavam a primazia de logares.

Quereis saber a causa de tamanha revolução? —  
Pois era nada menos do que o annuncio feito pela  
Commissão encarregada de distribuir as *ações da  
estrada de ferro*.

A febre agiotica tornara-se uma epidemia, e  
grassava com toda sua força. Desde os *altos* fun-  
cionarios até o mais modesto *copeiro* traziao o mal  
patente nas faces cadavericas; e todos buscavão  
o mesmo remedio (!)

Facil medicamento na verdade, mas que só pro-  
duzio o dezaçado effeito nos *bonaventurados*, por  
que os outros ficarão em branco como um noivo  
logrado, ou como o poeta que desperta depois de  
se ter sonhado um Rei.

Agora vereis leitores; estes rião-se daquelles  
que choravão; mas adiante um outro grupo que  
praguejava contra a commissão que tão parcialmente  
só lhe concedera 5 ou 10 accões; fallava em re-  
signal-as; e tudo erão molejos, gritos e protestos,  
até que os animos se arrefecerão debaixo de novas  
impressões.

Um acontecimento — tragico — romantico —  
sucedeu à loteria das accões. O Sr. *Fuas* quiz  
amarrar-se por meio do matrimonio com a menina  
de seus pecados; chega o dia aprasado, apresen-  
ta-se na Igreja; mas a menina (caso novo!!!) de-  
clara que se não quer casar; temos o noivo desa-  
pontado, os padrinhos estupefactos; e o cura que  
declara não ministrar o sacramento por não ser da  
exponanea vontade de uma das partes contrahen-  
tes; volta, cada um para suas cazas, e o noivo  
expirou à pouco victima talvez de um capricho mu-  
lheril.

E acreditem em moças... Eu por mim....

— Os modellos para a estatua equestre do fun-  
dador do Imperio, forão expostos, na Academia  
das Bellas-Artes sobre o que já fallou como enten-  
dido um nosso collaborador. O distincto escultor  
*Petrich* tambem para lá remetteo tres trabalhos de  
sua lavra artistica....

— O *bon fillo a casa toroa*, diz o adagio; por  
isso não é de admirar que a *Senhora Merta* para  
cá voltasse depois de uma delonga de tantos an-  
nos.

O Brazil já não é a terra dos *macacos*, como se  
dizia outr'ora. O estrangeiro que o vizita confirma  
esta opinião; e as celebidades europeas já não *for-  
cem o facinho* quando se lhes falta em cá vir ganhar  
os milhares de francos.

Duas novas revoluções apparecerão entre nós:

a primeira tem feito os muzicos andarem da sala  
para a cozinha; é a chegada do insigne pianista  
Segismundo Thalberg! Uma commissão de muzicos  
brazileiros, tendo a sua frente o Sr. Francisco  
Manoel da Silva, o foi receber a bordo do *Iron* em  
que viera de passagem.

Dizem que é um prodigio o nosso hospede; en-  
porem nada affirmarei sem ouvir-o.

A segunda, e que talvez a quem vos dê mais  
cuidado e a que despertou o terror popular, a ale-  
gria do medico e do boticario que esperão fazer  
fortuna, e a satisfação do taberneiro que descobrio  
nellar um meio seguro de *monopolisar* a agua —  
ardente — é a personagem hermaphrodita a que  
chamão — *Cholera Morbus* !...

*Cholera Morbus* no Rio de Janeiro?

— Carapetão, leitores: mercê de Deos não passa  
de um sonho.

A respeito de *Crimea* tivemos noticias frescas:  
as mais importantes são os feitos d'armas de ambas  
as partes belligerantes. Os russos occuparão Se-  
bastopol depois de um renhido combate, e os Al-  
liados conquistarão com o denodo que lhes é pro-  
prio as fortificações Anglo — Francezas.

Falleceu o senador Manoel Alves Branco, então  
visconde de Caravellas, foi mais uma gloria do  
Brazil que se apagou do horizonte politico; que  
desappareceu ao contacto da morte. Morreu pobre  
mas o seu nome sem macula, vale por muitos the-  
souros.

Dispanos o lucto e vamos ao prazer.

— O *Cassino Militar* deu o seu baile no dia 14  
do corrente. Sem estar muito concorrido, havia  
escolhida reunião. Muitos rostos bonitos realçando  
por entre tantos outros feios, como rozas que desa-  
broxão no meio de outras que murchão; fizeram-me  
ter inveja dos poetas.

Os velhos e as matronas morrião de inveja pela  
mocidade que lhes trazia a reminiscencia as *suas*  
eras passadas; e o batalhão de reserva na França  
de entrar em serviço activo, esperava....

Um baile leitores é o purgatorio das matronas  
que querem passar por moças, o inferno dos paes  
de familia; e o paraíso dos namorados.

Vós outros que o frequentaes, dizeis-me se eu  
tenho razão....

Tratemos de theatros. O do *Gymnasio* continua  
a dar quinão no de S. Pedro, e o emulo deste  
dorme ainda a sonno solto; — melhor para ambos.

O *Lyrico* — *permanente*, continua como d'antes;  
é a mesma arena de gladiadores — *Charta* — *Ca-  
salonica*, dispostos a reformarem as muzicas pelos  
*benãos* das palmas e *sustentidos* dos pés.

A *Senhora Lyrica* que em breve vae estreir,  
talvez *modifique* os partidos, e teremos uma nova  
bandeira levantada por campeões que militarão nas  
duas frações que compunhão o todo do theatro  
lyrico.

Quem for vivo verá.

E agora leitores, quem havia de pensar que  
todos estes conhecimentos que venho de revelar-  
vos, forão esquecidos pelo aparecimento da nova  
lei que se discute sobre as — incompatibilidades, e  
eleições por circulos?

Quanto a primeira parte sou obrigado a confes-  
sar-vos que voto contra. A categoria de revisteiro  
é incompativel com o meu emprego e por isso não  
lhe posso dar o meu voto. Demais eu conheço al-  
gumas pessoas que acumulão tres empregos *diver-  
sos* e ainda lhes resta tempo para pedir accões, ir  
aos theatros, aos bailes e concertos, sem fallar nas  
horas que gastão a conversar com os amigos.

Mas o que é para admirar, leitores, é que eu seja  
um decidido Sectario da segunda parte — Eleições  
por circulos.

E por que não! — Acaso não me dá ella a es-  
perança de ser deputado um dia?..

E que facil que é uma candidatura agora !...

Oh! heide ser deputado leitores — e tambem  
vós, se o quizerdes....

— E tenho feito a minha estreia.